

As mediações nos processos comunicacionais da experiência de *hetero-auto-experimentação* no cenário das migrações contemporâneas do Mercosul – imigrantes uruguaios no sul do Brasil¹

Pedro Russi Duarte².
NECOM e UNISINOS

Resumo:

Neste trabalho (tese doutorado) permite-me descobrir como os uruguaios “chegam” ao Brasil, mas também como o Brasil “chega” a eles, adequando-se a eles via as mediações dos processos comunicacionais. Migrantes uruguaios – contexto do Mercosul – estabelecidos e/ou em circulação no sul do Brasil (Estado de RS). Pensar e tecer as tramas de *uma* tecelagem de constante dialética, dinâmicas de (in)satisfação que o próprio cenário, indeterminado e incerto. O método: a *história oral*; as técnicas: entrevistas orais e interpretação das falas. Compreender, na interação comunicativa, as inter-relações que (re)constituem a(s) matriz(es) diaspórica(s) dos uruguaios, (re)configurando as experiências identitárias. A migração é uma forma (são formas) de *ser* e *vir a ser* Uruguai/uruguaios. Há *um* valor no decurso dos que migram, sustentando, mitos fundadores de nação/uruguaio (i.e. educação, alfabetização, cultura, moral), a partir dos quais o indivíduo vai-se relacionar e estabelecer os laços e inter-relações.

Palavras chaves: processos comunicacionais-mediação, migração, Mercosul, historia oral.

1 Rápidas apresentações; cenário da pesquisa...

“Sin mover o crecer vive la piedra?” (Pablo Neruda)

Para analisar as experiências de *Hetero-Auto-Experimentação* no cenário das migrações contemporâneas no Mercosul parto dos processos comunicacionais materializados em/por diferentes operadores dinâmicos de interação-mediação. O método pensado para a pesquisa é de caráter qualitativo. Por meio das entrevistas recupero as vozes dos migrantes buscando a memória na construção das identidades culturais como espaço de entrecruzar-se no cenário da migração³. Os

¹ Trabalho apresentado ao NP12 – Comunicação para a Cidadania, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Doutorando e Mestre em Ciências da Comunicação na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Unisinos-RS-Brasil. Licenciado em Educação-Pedagogia pela Universidade Católica do Uruguai. Professor-pesquisador no Curso Comunicação Social - Instituto Educação Luterano de Santa Catarina (Bom Jesus/IELUSC) e no Núcleo de Estudos em Comunicação. Integrante do grupo de Pesquisa “Mídia e Multiculturalismo” do PPG-CC/ UNISINOS. Ator.

³ No que tange à escolha do local onde se estabelecem os migrantes uruguaios, será o Estado de Rio Grande do Sul (RS). Resumidamente aponto para alguns fatores entendidos como pertinentes às margens territoriais do local escolhido para a pesquisa: a relação tanto histórica quanto contemporânea; as interações – fronteira terrestre – apresentadas nas entrevistas, mostram que a vivência e percepção de um *outro* (Uruguai/Brasil) como vizinho. Quer dizer, a escolha e delimitação do espaço territorial (o sul) advêm de matrizes históricas que configuram uma trama/tecido à hora de resgatar os processos migratórios na experiência vivenciada pelos sujeitos das entrevistas.

sujeitos da pesquisa são uruguaios estabelecidos e/ou em circulação no sul do Brasil⁴. Nesse cenário, os processos comunicacionais ocupam, no concreto dos migrantes, posições determinadas e dinâmicas de redes interpessoais. O método da *história oral*⁵ (retomar a memória, aquela *memória escondida*, ao dizer de De Certeau), as técnicas de entrevistas orais e interpretação das falas, articulam-se como trilhas para aprender/apreender tais processos.

A metodologia de história oral tem sido privilegiada no estudo de trajetórias, mediante entrevista semi-estruturadas ou histórias de vida. *A utilização de história oral no estudo das migrações não tem o caráter apenas de técnica de levantamento de dados mas tem uma função epistemológica e ideológica*⁶.

Continuando, nessa linha, as autoras explicitam que,

a história oral, ao estudar a experiência de estes grupos, contribui para uma perspectiva teórica que contempla o agir humano no fazer-se da história, onde as práticas sociais são múltiplas, diversas e particulares. Coletar depoimentos orais numa sociedade marcada pela modernidade, pelo domínio da técnica, ciência e razão, do poder massificador [?] da mídia, remete a *pensar sobre o lugar da narrativa nesta sociedade em que o cotidiano é definido pelo tempo disciplinado, controlado, pelo ritmo do relógio. (...) Não há o desaparecimento da narrativa mas a sua resignificação*.⁷

Assim, a história oral tem como característica a captação e reconstrução de fatos, vivências e experiências de pessoas em diferentes cenários da vida mantendo estreita relação desta vida com o movimento histórico e cultural da sociedade. Quer dizer que, a história oral “opera com uma noção de passado que se prolonga no presente e se projeta no futuro. O processo histórico é, pois, algo que não se mostra acabado, com um início (...) mas apresenta-se em descontinuidades, rupturas, *flashes* e demoras”⁸. Conseqüentemente, recuperar as matrizes *residuais*⁹ da memória (individuais e coletivas) em um grupo de uruguaios que apresentam diversas características (escolaridade, idade,

⁴ O mapa configura-se da maneira seguinte: uruguaios que estão no Brasil; uruguaios que retornaram do Brasil; uruguaios que estão pensando migrar para o Brasil.

⁵ Algumas leituras, como bases bibliográficas, para apontar o caminho: THOMSON, Paul. **A voz do passado**. História oral; HALBWACHS, M. **A memória coletiva**; da Academia universal de las culturas. Por qué recordar?; YANKELEVICH, P. (org). **En México, entre exilios**. Una experiencia de sudamericanos; LE GOFF, J. **Histórias e memória**. Memória; AMADO, Janaina e MORAES, M. de. (Org.) **Usos & abusos da história oral**; BOURDIEU, P. (Coord.) **A miséria do mundo**; BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**. Lembranças de velhos. GRISA, J. **Histórias de ouvintes**; JOSSO, Marie-Christine **Experiências de Vida e formação**; TREBITSCH, Michel. **A Fundação epistemológica da história oral no discurso da história contemporânea**; FERNANDES, Florestan. **A história de vida na investigação sociológica**: a seleção dos sujeitos e suas implicações. Assim como, diversos materiais da Associação Brasileira de História Oral. W. Benjamin; Michel de Certeau; R. Barthes.

⁶ MORAES, Ma. S. et. MENEZES, Ma. A, de. Migrantes temporários: fim dos narradores?. In: **Neho-história**. revista do Núcleo de Estudos em História Oral. Nº1, novembro 1999. p.12. Destaques meus.

⁷ Destaques meus.

⁸ RESENDE, Selmo, H. de. Abordagens biográficas e Foucault. In: **Neho-história**. revista do Núcleo de Estudos em História Oral. Nº1, novembro 1999. p.60.

⁹ WILLIAMS, R. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: J.Zahar, 1979.

tipo de trabalho, forma de migração, classe, cidade de origem...) – deixando mais complexa e desafiante a pesquisa.

A escolha dos entrevistados é um fato significativo porque diz respeito à inserção por parte do sujeito nos diferentes cenários-contextos culturais, políticos, educativos, econômicos; buscando identificar, para analisar, as diferentes mediações midiáticas e não midiáticas (bairro, família, religião, meios de comunicação, etc.). A relação – rede – entre os entrevistados, surge deles mesmos já que foram tecendo a rede que se, eu não delimito de alguma forma, se expande constantemente. Portanto, cabe assinalar que a delimitação está baseada nos parâmetros especificamente temporais da pesquisa e meus, assim como na (im)possibilidade de abarcar toda a dimensão de rede sugerida pelos migrantes. Porque, das entrevistas registradas resgato a abertura para falar, o gosto (necessidade?) por compartilhar as histórias e memórias a serem ouvidas, vivências e “resgate” de vozes que significam e (re)atualizam o cotidiano construído sobre e sob tensões, acertos, incertezas, pressões, burocracias, rejeição...

Se considerar as discussões apontadas pelos autores mencionados (e outros consultados), no que diz respeito às histórias orais, de vida e número de entrevistados, permito-me decidir pela busca das “potencialidades” de cada um dos relatos como validade da pesquisa, invés da saturação numérica de informação. As entrevistas eram realizadas e analisadas paralelamente, para tecer entrecruzamentos bem como para sistematizar os dados – análise descritiva antes de interpretativa.

As entrevistas foram divididas em três momentos, e cada um desses tem um roteiro e objetivos a serem cumpridos (de maneira sincrônica e diacrônica). Os roteiros¹⁰ das entrevistas foram configurados com base na pesquisa exploratória; perguntas das entrevistas realizadas e apresentadas na qualificação (setembro 2004); o modelo – 2004 – da pesquisa do grupo “Mídia e Multiculturalismo”; e material bibliográfico¹¹. Daí os três momentos:

- (1) *História Familiar* (contexto geral do sujeito, observando e relacionando as diferentes formas e modos de construção das estruturas culturais, sociais..., buscando recuperar a memória do coletivo através das individualidades);
- (2) *História de Vida* (mais específico do sujeito, na vivência/experiência antes-durante-dois ao processo migratório). Dessa forma, levantar categorias para o próximo momento;

¹⁰ Está clara a não fixação das entrevistas-roteiro, porque, segundo as circunstâncias e dinâmica da pesquisa e entrevistas, podem-se re-atualizar os roteiros.

¹¹ Principalmente Jairo Grisa no livro “Histórias de ouvintes”, Marie-Christine Josso no livro “Experiências de Vida e formação”.

- (3) *História Comunicacional* (a relação entre o sujeito e os diversos/diferentes dispositivos midiáticos e não midiáticos; apropriações e dinamização – antes-durante-posterior ao processo migratório). Busca-se compreender/descobrir: os momentos fundação, gostos midiáticos, usos sociais, dinâmicas a partir das mídias, configuração de redes de migrantes.

Pretendi configurar uma dinâmica que vai do *micro* de cada vivência – entendida como *potencial* para a pesquisa –, ao *macro* (geral) que busco entender a partir do problema de pesquisa, e ambos (re)configurando um *meso*. E, compreender nas falas dos migrantes as dinâmicas *micro-meso-macro*-comunicacionais que re-significam e re-dinamizam as relações interpessoais e matrizes culturais de nação/nacionalidade/território relacionadas ao diaspórico tensionando as identidades culturais.

2 Primeiros percursos e caminhos de análise

Para o trabalho presente tive de fazer uma escolha diante das análises até agora realizadas¹², portanto, um dos tópicos resultante desse movimento é aqui apresentado e permite entender como os uruguaios “chegam” ao Brasil, mas também como o Brasil “chega” a eles, adequando-se a eles via as mediações dos processos comunicacionais. Não sendo certezas e sim questões cujas respostas vão continuar questionando. De modo que, os parágrafos que seguem não são *epílogos* e sim *prolegômenos*.

A obra de Boaventura Santos¹³, permite olhar a complexidade das interações cotidianas, apreensões e negociações com o outro e, de forma cuidadosa, afinar nossos sistemas perceptivos sobre aspectos e configuração da identidade. Trata-se da institucionalidade do *ethos* como “consciência atuante e objetivada de um grupo social – onde se manifesta a compreensão histórica de sentido da existência, onde tem lugar as interpretações simbólicas do mundo – e, portanto, a instância de regulação das identidades individuais e coletivas”¹⁴ constrói uma imagem moral; moralidade de um dever ser. A propósito, o *ethos* considera-se como a idéia quanto condições, normas e atos práticos que o sujeito repetidamente executa e por esse motivo como eles se

¹² A totalidade dos tópicos de análise na tese, está configurando com as seguintes especificidades: Uruguaios com relação ao Brasil; Brasil como nação; Na dimensão da Inclusão e exclusão; Na dimensão da violência; Na dimensão da alegria, dinamismo, erotismo, sexualidade, pornografia – praia, carnaval; Dimensão: geográfica, demográfica; Na dimensão do consumo midiático *entre-lugares*; Brasileiro como grupo étnico; Na dimensão da mestiçagem, tropicalismo, miscigenação; Brasil como país de (i)migração; Dimensão de acolhida e hospitalidade; Dimensão cenário Mercosul.

¹³ SOUSA, Boaventura Santos de. *Pela mão de Alice*. O social e o político na pós-modernidade. S.P: Cortez, 1999.

¹⁴ SODRÉ, Muniz. *Antropológica do espelho*. Rio de Janeiro: Vozes, 2002. p.45.

acostumam, ao se abrigar em um cenário determinado. Para que esse *ethos* exista deve haver um ambiente cognitivo que o dinamize, unidade dinâmica identificada a um grupo, que é seu modo de relacionamento com o singular cotidiano, quer dizer, a cultura.¹⁵

2.1 Brasil como nação...

Segundo as reflexões que venho realizando, tanto das entrevistas quanto os documentos e materiais midiáticos, posso distinguir para a construção do “Brasil como nação”, ao menos cinco dimensões¹⁶: (1) Na dimensão da Inclusão e exclusão; (2) Na dimensão da violência; (3) Na dimensão da sexualidade, alegria, dinamismo, erotismo, pornografia – praia, carnaval; (4) Dimensão: geográfica, demográfica; (5) Na dimensão do consumo midiático *entre-lugares*.

No cotidiano, cada sujeito, com seus modelos e marcos interpretativos aparentemente não midiáticos, elabora matrizes de leituras que precisamente permitem ler o outro e articulam-se com as *residuais*. Assim as identidades de ambos os sujeitos, leitor e lido, estabelecem-se sobre e sob as estruturas já apreendidas que serão re-discutidas nos entrecruzamentos de outras e novas interações comunicativas. A partir dessas leituras o sujeito organiza as referências que lhe permitem configurar o outro para interatuar. Algumas dessas matrizes são resgatadas através das entrevistas pelo “acionar” e tensionar das memórias no difícil espaço de entrecruzamentos das experiências/vivências; “en tantas ciudades estuve que ya la memoria me falta y no sé ni somo ni cuando”, disse Neruda¹⁷, provocando.

2.1.1 Na dimensão da Inclusão e exclusão

As falas dos uruguaios, tanto dos que moram no Brasil quanto dos que estão de retorno ao Uruguai, deixam entrever que a exclusão social aparece sendo *marca (registrada)* do Brasil-nação. Essa imagem, que surge das entrevistas, não está unicamente configurando um Brasil, senão também um Uruguai onde “não” existiria tal situação. De que forma isso poderia estar configurando uma determinada experiência diaspórica dos imigrantes uruguaios no Brasil? Essa é uma das

¹⁵ SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002. p.45.

¹⁶ Tais dimensões surgiram do diálogo com os materiais empíricos. Acredito que, ao aprofundar na análise, irão acontecer mudanças e entrecruzamentos, como dinâmica da própria práxis. Entendo *Dimensão* como vetorial, portanto, refere-se a movimentos de tempo-espaco, ora amplos, ora reduzidos, ora pouco ou nada claros, mas movimentos. Não pretendo que esse conceito seja compreendido no sentido de dimensão geográfica territorial, e sim no sentido simbólico.

¹⁷ NERUDA, Pablo. Itinerários. In: **Estravagario**. Bs.As.: Losada, 1977. p.102.

perguntas que surgem no caminhar deste processo de análise. Levando em consideração isso, vejo a configuração de um local (país de origem) estabelecida pelo reconhecimento de um outro local (país de imigração). Nesse sentido, por exemplo, a dimensão numérica – Brasil maior do que Uruguai – aparece para relacionar o geográfica e demográfico com o poder do Brasil. Um poder que para alguns dos entrevistados é de mão-dupla, porque ao tempo que permite um determinado poder com relação aos países da região e exemplo de desenvolvimento, pode ser utilizado (esse poder) para negar a “cultura” a determinados setores da população.

Entonces, como tenemos, 170 millones, (...) del cual tenemos, analfabetismo, o sea en los papeles dan vamos decir, supuestamente, 20, 22, 30 por ciento de analfabetismo cuando en realidad no tenemos, es mucho más. Entonces el tener un país analfabeto, (...) lo podés dirigir de una manera o otra. Entonces hay grandes programas en la televisión, por ejemplo, que son, parecen que no, pero son dirigidos cuando... llame al 0800 quien mató a fulano en la novela, o sea, (...) la mayoría de las ligaciones es de São Paulo para arriba, de Rio para arriba, o sea ¿a dónde?: Bahía, Sergipe, Alagoa, que está justamente el povon (povão), las personas con menos capacidad intelectual el cual es fácil de dominar. E-11¹⁸

A dimensão numérica populacional, de algum modo, é parte constituinte da identidade brasileira, ao menos na experiência e visão dos uruguaios. Tais marcas, estão presentes nas falas dos uruguaios que estão morando no Brasil quanto dos que retornaram e dos que desejam emigrar. Embora os que retornaram são os que distinguem mais detalhadamente as localidades específicas onde poderiam estar acontecendo as exclusões sócio-conômico-cultural, buscando desmistificar a totalidade atribuída ao Brasil como sendo uma nação excludente. O sujeito está em relação com outro e outros em um cenário que os constrói, pelas interações, em atores sociais. Sabe-se, que tais relações repousam sobre um mesmo ponto (a interação), mas distinto para cada um dos lados.

El uruguayo es mucho menos prejuicioso en relación a Brasil, en relación al tema raza, en relación a nivel social que los mismos brasileños, incluso mismo... es más el mayor reducto, racista brasileño en términos de raza son los bahianos. E-12¹⁹

As fronteiras entre o igual e o diferente se misturam, se (com)fundem, e o estranho se encontra definido, em parte, não só pelas pertencas, mas também pelas resistências e separações. Não há pertença às mesmas matrizes (culturais, sociais), embora exista o esforço por construir-se em sujeito²⁰.

Los medios acentúan ese rompecabezas que tenés en la cabeza, como una especie de caleidoscopio, se te junta la imagen del certanejo que está descalzo viniendo con el bahiano que está festejando y no sabes qué festeja el carioca en Bahia porque está sin agua. Viste es una cosa extraña. E-12

¹⁸ (56) urguaio – migração de retorno

¹⁹ (46) urguaio – migração de retorno

²⁰ TOURAINE, A. *Poderemos viver juntos?* Iguais e diferentes. Petrópolis-RJ: Vozes, 1998. p.101.

Assim, segundo a fala do entrevistado, os produtos midiáticos refletem um Brasil nação da diversidade, porém bem localizadas e estruturadas, há uma forma de ser e estar para cada *locus* dessa nação. Nesse universo, as identidades se articulam tornando-se *locus*²¹ entre permanência e evanescência que um *outro* elabora por e para um *eles/nós*. Um mecanismo de projeção, através do qual se manifesta, reconhece e estabelecem cenários e movimentos próprios e alheios. Tais matrizes e mediações entrelaçam-se com a exclusão social, como no relato que segue, e dão forma à experiência que ela teve, por exemplo, na rodoviária de Porto alegre.

*Estuve en la Rodoviária y por ahí en los alrededores. (...) Pero así feo, viste yo que sé. Se nos acerco me acuerdo un chiquilín, chiquito completamente drogado, a pedir, pero mal, mal, viste cuando te quedás así con una imagen fea.. Un poco como la película*²². **E-13**²³

Para quem conhece a rodoviária, ela dista muito da imagem e imaginário de sol-praia-verão, refiro-me às tensões provocadas ao encontrar o *sujo* onde deve estar o *limpo*. Aquele Brasil de corpos e sol, cena de brilho e horizonte aberto de praias, é esbarrado pelo cheiro oleoso entrelaçado ao carbônico gás dos ônibus, em um cenário cinza de úmido. A referência ao cinema e resgate de uma negociação com o vivido, o concreto. Duas instâncias (cinema-ficção e concreto-vivido) que são articuladas para entretecer o sentido e significação dessa vivencia, por intermédio da qual se re-forma como matriz dessa experiência e, a partir dela, re-constitui as futuras interações com aquele local. Essa dimensão articula-se de forma direta com a seguinte intitulada como dimensão da violência. É notória a ligação direta que os entrevistados fazem entre uma e outra, isso tanto através da memória midiática quanto não midiática. Portanto, tome-se o seguinte tópico como sendo complementar e complementado desse.

2.1.2 Na dimensão da violência

Por exemplo, a cultura da *violência* é associada com a nação brasileira e como *instante* no qual se re-configura uma bricolagem, o ser Brasil/brasileiro.

Se creo una mística del robo en Brasil, pero eso acontece en todas partes del mundo. Seguro que en Brasil se acentúa más porque son 170 millones de habitantes. São Paulo con 10 millones y pico, más con la ABC paulista 20 millones. Río con 7 millones y medio, lógico, Porto Alegre con 2 millones. ¿Por qué el argentino hoy no se va a Mar del Plata o no se va a Brasil y se viene a Punta del Este, el de guita?, porque tiene tranquilidad y seguridad y eso es impagable. **E-11**

²¹ OLALQUIAGA, Celeste. **Megalópolis**. Sensibilidades culturais contemporâneas. São Paulo: Estúdio Nobel, 1998; p. 33.

²² Refere-se ao filme brasileiro *Central do Brasil*.

²³ uruguaia – potencial emigrante

A mediação midiática aparece articulando determinados operadores de um não midiático, e que são usados como forma de re-construir um corpo de maneira universal diante de um espaço micro do Brasil, isso se levamos em consideração a dimensão geográfica, por exemplo, que os mesmos entrevistados falam. Por momentos, e segundo os resgates realizados pelos entrevistados, as localidades tornam-se universais representativas do Brasil, por exemplo, é morro=favela, sertão=seco e deserto; Bahia=festa; Rio=tráfico.

Y ahora que vienen las elecciones, no se qué, pero es tal la seguidilla de imágenes que vos asociás con la imagen que viste recién, la revuelta rural con el rebelión de Carandiru, con la balacera del morro, con que traficantes mandaron a cerrar el centro (...) Y ahora veo eso los comercios del centro cierran porque llegó una orden del comando de allá del morro que se lo cierran. Cierra o cierra. E-12

O quadro do Brasil se elabora nas “pinturas” midiáticas dos morros, porque falar em morros é falar Brasil. Um sendo o outro, está presente como matriz que constitui essa nação. Penso agora, parafraseando Sodré, na mistura produzida pela *dramatização dos fatos violentos* no cenário midiático, na qual violência e violento passam a ser o mesmo, ignorando as suas especificidades. Portanto me pergunto, ao pensar para a análise, de que maneira as mediações confundem e fundem tais formas (violência e violento) à hora de ler o *outro*.

2.1.3 Na dimensão da alegria, dinamismo, erotismo, sexualidade, pornografia – praia, carnaval

Ao pensar nessa dimensão, entendo que a estrutura do Brasil, como nação, está sendo elaborada sobre a identidade estabelecida no cenário carnavalesco²⁴.

la identidad del brasilero y uruguayo, la diferencia entra la alegría y la tristeza... es abismal. (...) Yo lo tildo eso por colores la diferencia, el cinza es aplacado y es un poco tristeza, lo veo de esa manera. Que no era así antes, antes no era así. (...) Esa es la realidad que yo lo veo, en colores, al decirte en colores vas a ver la diferencia enorme que existe (...) Mismo Brasil estando con grandes problemas, bueno vos vivís en Brasil sabés, con sus problemas cotidianos del día a día, hoy con los problemas laborales. E-11

Isso, pelas particularidades propostas naquele – *outro* –, com o qual se quer interatuar em um jogo de interação e entrecruzamentos de identidades. Assim, o Brasil como nação se constrói e amalgama entre as classes a partir da alegria do *ser* (sujeito) brasileiro, e, dessa forma, diferencia-se e é diferença do outro.

²⁴ Tomo como referência as reflexões de Roberto Da Matta no livro *Carnavais, Malandros e Heróis*. Para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

Ahora después como el brasilero no hay, o sea, podés... podés revirar el mundo, no hay. Porque muchas gentes son alegres en Miami, vamos decir en Cancún y vamos decir en Milán, en París, aquellos que están com mucha guita y esto y lo otro y todo el mundo ja, ja, ja, ja, una alegría sola. Pero el brasilero no, del más pobre de una favela, al más rico, es alegre. El vive otro tipo de vida. Si bien restringido muchas veces, pero aquelmismo restringido el se arregla con cualquier cosa. E-11

A afirmação de uma determinada forma de ser nação toma força ao enunciar um *terceiro*. A identidade instituída e constituída pelo espelho e contraponto, por exemplo, “*España...el español...Miami ... Cancún... Milan... París*”, permite configurar a interação de um *nós* no cenário cotidiano. A emissora Rede Globo, tanto nos documentários quanto telejornais, preocupa-se em deixar clara essa diferença – alegria vs. tristeza – com relação aos outros, talvez exorcizando aquilo de “tristeza não tem fim, felicidade sim”.

La profesora que tuve me acuerdo era, esa era típico la imagen que te podés hacer, esa era bien así, la imagen que te podés hacer de un brasilero sin conocer nada, esa era típica vês? (...) Era super energética, vivía todo el tiempo así al mango, a toda velocidad, macanudísima. E-13

O reconhecer é considerado desde, e em função, valores que influenciam sobre as costumes, gostos, e normativas²⁵. Assim, a interação pode ser considerada como intencionalmente organizadas para lograr, no “estrutural”, o *status* das relações que vinculam os diferentes grupos²⁶. A relação *macro* (Espanha-Brasil; Brasil-Sexualidade), como espelho e contraponto, é retomada no concreto e cotidiano para entender o cenário das interações *micro* (brasileira-sexualidade)

En una entrevista en el club brasileño con una chica, una señora joven, me decía, vos sabes que tengo un gran problema. Soy brasileña y soy masajista. (...) todo el mundo le dice no digas que sos masajista. Pero yo soy masajista. Estudié para eso, me recibí, usted qué quiere que invente. El problema es que la mujer brasileña tiene una fama.... Soy brasileña no haga nada extraño, nada terrible, y soy masajista de profesión. Pero no soy masajista de ocasiones especiales, soy terapeuta y hago flores de Bach, y hago raiki y hago esto y hago lo otro. (...) Digo, tiene que ver con el imaginario, global. E-12

Por exemplo, continuando na lógica *macro/micro*, observo a (re)configuração constante de matrizes que articuladas no cenário do outro, constroem o sujeito que as vivencia. Destaco e relaciono, nesse sentido, o fato de que na ditadura uruguaia – e brasileira – propaga-se a “invasão” de filmes pornô brasileiros, a re-elaboração e desafio que os filmes atuais têm por diante, devido à mudança de foco cinematográfico, é sobre tudo para realizar a configuração de um outro *Brasil-brasileiro*. As negociações que o sujeito tem que realizar quando se depara na frente de um concreto que dista daquilo apresentado (mostrado) na tela do cinema. O imaginário elaborado na plataforma de negociações entre o midiático e não midiático atua como sinédoque – a *parte* constitui “o grupo”

²⁵ GOFFMAN, E. *La presentación de la persona en la vida cotidiana*. Bs. As.: Amorroutou, 1994. p.256.

²⁶ GOFFMAN, E. *La presentación de la persona en la vida cotidiana*. Bs. As.: Amorroutou, 1994. p.255.

(todo). E, nesse todo, liquidifica-se aspetos que são ao mesmo tempo entrecruzados e independentes, porque não todo o Brasil é praia, nem sempre é carnaval, sexo e alegria.

traería la playa entera, con gente de allá para misturarla con las uruguayas que se... y sabés una cosa que al misturarse todo es una cosa igual, después todos se acoplan y después quedan todos uruguayados, abrasilero, queda lindo y el sol que tenemos nosotros. Y de Uruguay para allá, soy sincero y honesto, llevaría a tranquilidad con la que nosotros vivimos, hasta el día de hoy, no?. Esa tranquilidad, esa tranquilidad lenta que... que a veces somos demasiado lentos, pero de repente, en ciudades o en lugares de Brasil necesitarían un poco de esta tranquilidad, tanto, que inclusive mismo te estaba diciendo que... siempre se habla mal de Brasil es peligroso, en todas partes es peligroso, pero aquí es un país más tranquilo, más sosegado, en ese sentido. E-11

Retomando essa fala (os escrever o este texto) veio à memória o momento quando vim estudar ao Brasil. Muitos colegas, que estavam no Uruguai perguntavam para mim sobre as praias, o calor, o sol e as mulheres brasileiras. Não acreditavam que em São Leopoldo – RS – não existiam praias e faz frio, menos ainda que a duas horas daí no inverno tem neve (“Brasil com neve?”). Isso, leva-me a pensar que existe uma forma ritual de pensar o Brasil, quer dizer, ele é imaginado em um processo de instâncias em cadeia, uma a continuação da outra. Por exemplo: uma nação alegre porque tem futebol e carnaval, o corpo anda nu porque o sol das praias e a sensualidade transfigurada em sexualidade assim o permitem. Comecei a pensar nisso a partir das falas que retomavam rítmica, rotina e ritualmente, esses (determinados) operadores de sentido, como mediações de um *outro*.

2.1.4 Dimensão: geográfica, demográfica

Por momentos, sento a dificuldade de sistematizar operadores que entrecruzam vários campos ou dimensões, como estou chamando neste trabalho. Por exemplo, quando o Brasil é definido como nação porque está sendo demarcado em contraponto ao Uruguai como nação *pigméia*.

Le va a costar, ‘ojo la mano’ porque son 170 millones de habitantes (...). Es un número... sencillamente expresivo, con la diferencia de Uruguay que tiene 3 millones, no sé si alcanza a 3 millones. E-11

Um dos entrevistados, para exemplificar o diálogo (ou monólogo) estabelecido a partir da dimensão do poder simbólico, traz a toa uma charge que apresenta ironicamente dois *corpos* de sujeitos “interagindo”.

como aquel chiste, el cartoon que viene en el diario, el diálogo norte-sur, un gran escritorio con los tipos sentados, en las sillas enormes arriba y enfrente un tipo con un taburete chiquito, sentadito. Que parecía tipo pigmeo sentado, mirando para arriba. Diálogo norte – sur. E-12

Ou, quando o Brasil é interpretado e significado pela sua dimensão geográfica, assentada e aprovada pelo midiático, a diferença dos atos sumiços do Uruguai.

*lo que noto es un mal diálogo norte y sur. Aquello de las proporciones. Lo uruguayo si no afecta al FMI, o si no forma parte del MERCOSUR, de alguna manera y afecta al comercio brasileño bilateral, a la balanza de pagos, difícilmente aparezca en la televisión brasileira. (...) E internacional tiene que ser algo muy importante que tiene que haber salido en la CNN, tiene que haber salido en todos lados, sino no entra en el circuito de noticias. **Entrevistado 12 –ur-br***

Em contrapartida, o Uruguai ao não estar presente tem que apresentar aos outros. Existe o mito de que ao ser um país pequeno, têm-se obrigações de falar e olhar as redondezas para obter alguma informação. A significação contrária do que acontece e se demanda para o Brasil.

*Ya Uruguay en función de su tamaño y proximidad, digamos que también lo que pasa en Brasil, por lo general es muy proclive a un contagio, allá estornudan y acá terminamos con gripe a veces. Entonces estamos siempre muy pendientes a nivel comercial, las tendencias, qué pasa con el turismo, que pasa. Incluso claro, las novelas, la televisión. Es más le interesa a la televisión uruguaya que se sepa acá todo lo que está pasando allá a nivel de comunicaciones, a nivel de películas, televisión y novelas porque mañana las van a vender. **E-12***

Não quero que se confunda a minha idéia com o nacionalismo, já que é uma reflexão sobre um fato e ato mítico no qual a mídia uruguaia parece ancorar seus processos produtivos; notei isso em várias das falas dos entrevistados.

2.1.5 Na dimensão do consumo midiático entre-lugares

Nesse item estou encaminhando algumas das impressões-reflexões que me permitem observar como o Brasil vai sendo reconhecido por uma cultura midiática que o configura, por exemplo, as telenovelas, a qualidade dos produtos e padrão técnico, etc. Veja-se, nesse sentido, que ainda morando no Uruguai é mantida a ligação com o Brasil através de produtos midiáticos que chegam via TV por assinatura. Aquela experiência, que pode ser entendida como passado, está sendo (re)atualizada constantemente por intermédio das novelas e telejornais, por exemplo. Esses produtos, telejornais e novelas, são os que aparecem mais freqüentemente nas entrevistas.

*En mi casa se asiste, Globo, Bandeirante e Sbt; es muy difícil que yo pegue un argentino. Primeramente porque a nivel televisivo no tiene nada que ver, a nivel televisivo. (...) generalmente en mi casa veo más que nada jornal, jornal da Bnade, escucho mucho Boris Casoi, lógicamente la Globo, en línea general, específicamente a mí jornal, vamos a decir la palabra Jornal Nacional es Globo. Pero, vamos a decir jornal nacional en líneas generales y después deportes lógicamente que es el hilo... y después de tanto en tanto... veo evidentemente algún tipo de programa pero no me paro mucho en la televisión, para ver mi programa. (...) es muy difícil que vos encontrés una televisión mejor que la brasileira en la parte de novelas, el propio Jornal Nacional, tu colocas la CNN y más o menos están parejos. **E-11***

O ponto está em que esses uruguaios, morando no Brasil, não tinham ou não era de seu interesse obter informação sobre Uruguai, porém ao retornar a “seu” país é mantida a vontade (necessidade?) de saber o que está acontecendo lá (no Brasil).

información de Uruguay? Por los diarios más que nada, los diarios de aquí (Paysandú) pedía que me los mandaran, pero no tenía mucha información, más que nada vía línea telefónica con mi hermana, mi madre(...) el diario el Telégrafo me llegaba, me llegó en alguna oportunidad. E-II

A experiência do que Bhabha²⁷ entende como ser e estar *entre lugar*, a identidade configurada nesse espaço *entre* que surge neste trabalho por meio da apropriação dos produtos da mídia brasileira.

No porque cuando veo televisión, por lo general de tarde, mi señora ve novelas brasileiras de la Globo, entonces engancho con el Jornal Nacional y después ya voy mechando con alguna película, y después veo de noche la segunda edición la Globo y Jô Soares. No veo televisión uruguayacreo que hace años. E-12

Posso perceber que, além da constante recepção, existe um seguimento no que diz ao processo dos produtos midiáticos brasileiros com novelas, por exemplo. A expectativa de novas criações fala de um Brasil nação em movimento, de novidades exportadas ao país vizinho. Tais exportações vão configurar uma forma de elaborar – imaginar – o Brasil, de experimentar sem sair das fronteiras uma forma de vida do sujeito brasileiro.

Ahora empezó una novela buenísima, la vampiro mania (...) O beijo do Vampiro. (...) Todos esos monstruos de la Globo trabajando en comedia.(...) Tienen todo para venir. Ya hicieron una versión anterior, una novela del tipo, hace años e no llegó aça [ainda não tinha chegado ao Uruguai e, até agora 2004, não foi emitida nesse país] (...) Es que a veces es también de interés cultural pero más bien para Brasil. E-12

O Brasil é re-construído a partir dos produtos, nesse caso a novela. A mídia impressa uruguaia também “preocupa-se” por esse imaginário, e estrutura uma nação brasileira por meio da dimensão produtiva midiática nos parâmetros de qualidade, claro que, além disso encarrega-se de manter o mito da migração histórica européia (“bem sucedida”) na América Latina.

Termina "Terra Nostra" El capítulo final de la exitosa telenovela brasileña será emitido esta noche por Teledoce, reservando todavía algunas sorpresas para Giuliana y Matheu. Tormento de amor. El drama de los inmigrantes que venían a sustituir a los esclavos. Capítulo final de la exitosa telenovela brasileña. El País²⁸

No ano que foi emitida a telenovela “Terra Nostra” no Uruguai, teve o maior fluxo de emigração de uruguaios. Diante dessa realidade concreta, posso observar a mídia impressa

²⁷ BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

²⁸ http://200.40.43.213/buscador/2001/07%20julio/010705/novedades_1.html [21/09/00 0:33:21]

realizando um resgate *patriótico* que denomino *antidiaspórico*. Isso acontece ao superestimar um ato (o de imigração) e tipologia (histórica-italiana, por exemplo), em detrimento do outro ato contemporâneo (a emigração que estava acontecendo fora da novela). No cenário dessa lógica midiática – de pronunciar determinados em detrimentos de outros – comecei, nas entrevistas, a apontar especificamente para saber, na visão e experiência tanto dos que estão morando no Brasil quanto os que retornaram, como para eles a migração estava sendo tratada nas mídias uruguaias²⁹.

Pero pienso que no, no han magnificado, han planteado los debates, se han manejado incluso a niveles académicos, charlas a nivel de la Cámara de Industria, Cámara de Comercio, se han planteado discusiones, que hay que quedarse que la gente dice no quedarme para qué, denme los medios. Sino vendo el campito y me voy para otro lado. E-12

Muitos programas ou materiais midiáticos, no enquadramento daquela “preocupação”, opuseram-se frontalmente aos indivíduos que emigraram³⁰ ou os que estão planejando-pensando sair do país. Uma das formas, além da mencionada pelo entrevistado, foi a de ressaltar a migração chamada histórica, agora retomada pelas mídias – na leitura: *estão deixando um país que foi acolhedor*.

Buscando la América. La televisión brasileña rinde su homenaje a los inmigrantes que llegaron buscando una nueva vida. Otra importante super producción de la Globo desembarcará en las pantallas (...). Escrita por Benedito Ruy Barbosa, *Terra nostra* narra la historia de dos jóvenes italianos que a fines del siglo XIX parten, con sus familias, desde el puerto de Génova hacia Brasil. El País³¹

Há uma construção e manutenção do *outro* por parte das apropriações e usos dos emigrantes, além das manifestações midiáticas sob aspectos e conceitos de integração cultural. O produto novela, está presente também como elemento que articula as relações de fronteira – simbólica. Na entrevistas são mencionados também produtos relativos à discografia, que não chegam ao Uruguai a não ser através da procura pessoal no Brasil por encomenda ou nos camelôs (no Uruguai esse tipo

²⁹ A idéia de especificar as mídias uruguaias ancora-se no fator da diáspora uruguiaia que venho discutindo na pesquisa.

³⁰ Veja-se, a informação veiculada pelo mesmo jornal um ano depois: RESPECTO A 1999 Emisión de pasaportes creció 31%. Casi 46 mil pasaportes se extendieron en los primeros nueve meses del año 2000, 10 mil documentos más que en todo el año anterior. Si el promedio de solicitudes se mantiene, al finalizar este periodo, en Uruguay se habrán otorgado más de 20 mil pasaportes que en 1999. Las cifras oficiales indican que hasta el 30 de setiembre, los pasaportes entregados alcanzaron los 45.797. Del total, 18 por ciento (8.497 pasaportes) fueron gestionados en el interior del país. Las restantes solicitudes (37.300) fueron realizadas en Montevideo, según un informe de la Dirección Nacional de Identificación Civil. El fenómeno de incremento de pasaportes es fundamentalmente montevideano, si se observan las cifras del año anterior. Comparativamente, las gestiones en el interior subieron poco más del 10 por ciento respecto a 1999 (7.598 pasaportes) El aumento exponencial se registró en Montevideo con algo más de un 31 por ciento. En el año anterior, se emitieron 28.393 pasaportes. Disponível: www.elpais.com.uy [16/10/2001- Año 84 -Nº28806]

³¹ Disponível: In: www.elpais.com.uy [16/10/2001- Año 84 -Nº28806.]

de mercado e, por consequência o produto vendido é chamado de “bagayo”, e quem vende é conhecido como “bagayero”).

La curiosidad digamos por lo brasilero se fue dando en relación al bagayo. ¿Por qué? Para mí de niño era muy curioso, ver aquellas personas que se aparecían con los bolsos en tu casa con cosas en otro idioma. Aparecían con los garotos, con el Toddy, con el qué refresco, que te dejaba toda la boca manchada. (...) ¿Cuáles son los elementos de juicio? (...) la caipiriña y el bagayo. E-10

Pode-se apreciar que, o Brasil é identificado com os produtos *bagayo* e *cachaça*, assim como o *bagayero* sempre é relacionado à fronteira. Dessa forma, a constituição desse país parte das interações não midiáticas e midiáticas, elementos que materializam os processos comunicacionais. Daí a impossibilidade de estabelecer divisões claras entre uma e outra mediação, por ser um processo conjunto e complexo que se elabora através das experiências dos sujeitos que a vivenciam. Por exemplo, na citação do entrevistado, o midiático tem como plataforma o não midiático, assim o fato midiático torna-se significativo e ganha sentido no cotidiano concreto acolá das mídias.

Em fim, como forma de fechar (momentaneamente), cabe recordar que no cenário das interações, a temática em estudo assume a centralidade nos processos comunicacionais. As vivências e memórias aqui resgatadas, conformam *arenas* de múltiplas direções, paradoxos discursivos, de acentuação e diferenças migratórias que se encontram. Configurando fluxos e contra-fluxos, que exigem reflexões para entendê-los como espaços de matrizes a partir das quais vão relacionar-se. Assim, os sujeitos elaboram, negociam e difundem sentidos, valores e identidades, propondo, na relação *eu* → *outro*, os próprios modos de entender sua identidade(s) em um palco e cena determinada. Onde as mediações se apresentam e, por diferentes e complexos entremeados, configuram *espaços de interação* como conjuntos de forças que atravessam e projetam, sobre as relações *eu-outro* – matrizes de leituras.

Através das análises que venho configurando quero resgatar o cotidiano – falo disto na minha experiência de migrante pelo fato de existir como uruguaio que “se apresenta” e “representa” aos outros –, pelas matrizes residuais como alguém que existe procurando compreender a desterritorialização/reterritorialização, mistura mistério e ansiedade, saudade e raiva no ritual migratório. E, nessa atividade, manifestam-se *pertenças* e *pertencimentos* de coisas que consigo reconhecer, mas não remover.

3 Referencias bibliografias

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis**. Para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

GOFFMAN, E. **La presentación de la persona en la vida cotidiana**. Bs. As.: Amorroutou, 1994.

MORAES, Ma. S. et. MENEZES, Ma. A, de. Migrantes temporários: fim dos narradores?. In: **Neho-história**. revista do Núcleo de Estudos em História Oral. Nº1, novembro 1999.

NERUDA, Pablo. Itinerários. In: **Estravagario**. Bs.As.: Losada, 1977. p.102.

OLALQUIAGA, Celeste. **Megalópolis**. Sensibilidades culturais contemporâneas. São Paulo: Estúdio Nobel, 1998.

RESENDE, Selmo, H. de. Abordagens biográficas e Foucault. In: **Neho-história**. revista do Núcleo de Estudos em História Oral. Nº1, novembro 1999.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

SOUSA, Boaventura Santos de. **Pela mão de Alice**. O social e o político na pós-modernidade. S.P: Cortez, 1999.

TOURAINÉ, A. **Poderemos viver juntos?** Iguais e diferentes. Petrópolis-RJ: Vozes, 1998.

WILLIAMS, R. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: J.Zahar, 1979.